

*As Sras. Benedita de Alencar*

# O DOMINGO.

SÉMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.	Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.	NUMERO 32.
---------	--	------------

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 15 DE SETEMBRO DE 1872.

### Immigração.

Eis a palavra que traduz a necessidade palpante do Brasil, e a aspiração unanime da parte culta e sensata da nação, que vê com justissimo pesar permanecer na obscuridade e desaproveitar os seus immensos recursos pela falta de população, um paiz dotado de condições naturaes, para occupar logar proeminente entre as mais avantajadas nações.

Possuimos inumeraveis jazigos de riquezas mineiras, e permanecem inexplorados, e referidos apenas nas noticias topographicas, que as apregoão, como um echo tradicional, transmittido de paes a filhos, mas cuja descoberta não tem sido apprehendida nem pela cobiça, nem sequer pela curiosidade!

Cobrem a maior parte do nosso solo espessas florestas de preciosas madeiras, e estas, ou servem apenas de abrigo aos animaes bravios, como nas eras primitivas do paiz, ou—o que é peor—são barbaramente derrubadas pelo braço automatico do escravo: terras que bem amanhadas, poderiam constituir o celeiro do universo, por esse processo selvagem, só fornecem escassa colheita

que vai ao mercado, trocar-se por quinquilharias estrangeiras.

A industria é absolutamente nulla: importamos tudo quanto consumimos; desde o tecido grosseiro que cobre a nudez do escravo, até a rica e custosa seda com que se atavião as damas elegantes e afortunadas; desde a pedra grosseira e commum que entra na construcção dos edificios, até o marmore lustroso, com que se erguem soberbos mausoléos.—Nada portanto sabemos fazer nem preparar, e cheios de todas as necessidades ficticias d'uma civilisação refinada, que não nos quadra, não podemos nos subtrair á essa dependencia vergonhosa da industria estranha.

Fazem-se—é certo,—e ainda bem que o podemos confessar—alguns progressos agricolas no Sul do Imperio, mas tão diminutos e lentos, e tão inferiores aos que temos o direito de esperar, que mal se percebem.

E onde encontrar remedio aos nossos males, correcção a nossos defeitos enraizados, visto como residem na indole nacional, que é o producto de muitos seculos? na realisação, em grande escala da immigração dessas vigorosas raças europeas, que pela actividade transformão desertos inhospitos, e selvas impenetraveis em cidades floccentes, como tem succedido nos Estados-Unidos, Canada e Austrália. Com o exercicio de suas

### FOLHETIM DO DOMINGO.

#### AS DUAS PRIMAS.

(Vem do n.º 31.)

#### IV

Sophia, se de antes irreflectidamente entregava-se a esse viver, que tanto lhe desconhecava, agora ainda mais, como louca, tornou-se febril e provocadora.

Tinha então duas razões para namorar: procurava seu marido, e tinha o desvanecimento de querer ir primeiro que sua prima perguntar-lhe qual d'ellas—era a mais bonita e tinha os modos mais feios.

E finalmente, qual o resultado?

Oh! meu Deus, como este mundo está cheio de illusões!

—Em pouco tempo Sophia vio desaparecer da sua imaginação tantas idéas sublimes e que tanto a enlevavam! E, além do que, é horrivel de dizer—achou-se seduzida... achou-se maculada!...

Ella fraca e inebriada em seus tolos pensamentos, acreditou nas promessas que um desconhecido lhe fizera, dizendo-lhe que não lhe era possivel effectuar logo o seu casamento, por ter de ir concluir os seus negocios em sua provincia, vindo depois aqui residir. E essas promessas produziram um tal cunho de verdade nos ouvidos de Sophia, que o seductor conseguiu realisar logo o seu intento maligno. Depois do que, partio e Sophia nunca mais teve novas suas!

#### V

Vejamos agora o que succedeu a Rosinha.

Esta moça tão lhana e cheia de tantas virtudes conti-

aptidões, ellas estimularão a população indigena, fazendo-a perder o habito de inercia, e revelar facultades desconhecidas e ignoradas no estado apathico em que tem permanecido.

Para conseguir, porem, esse desideratum, não basta a aspiração, que se esterilisa, sendo como até hoje, desacompanhada da acção; é preciso destruir os obstaculos que se oppõe á elle, divulgando na Europa as vantagens certas que offerece o Brasil ao homem laborioso, relatando os exemplos sabidos de individuos enriquecidos pelo trabalho, o viver comodo do estrangeiro nas nossas hospitaleiras plagas, e todas as mais circumstancias que possam atrahir o immigrante.

E note-se que não prescrevemos isto ao governo, de quem estamos acostumados á tudo esperar, e á quem culpamos de faltas que só ao proprio povo devem ser imputadas; —mas sim á todo brasileiro que puder prestar ao seu paiz taes serviços.

### NOTICIAS DA PACOTILHA.

A epocha está para todos, menos para mim, na qualidade de chronista. A novidade geral é *bonds, bonds, e... bonds!*

Se passeio, ao passar pela rua grande, largo do Carmo, ou do Palacio, —*bonds*; se escuto a conversação animada de um círculo qualquer, —*bonds*; se leio o *Publicador Maranhense*, —*bonds*; se pergunto o que ha de novo, —*bonds*, sempre *bonds!*...

Apesar de todo este *catôr*, não tardarão muito em calir no rol das vulgaridades; dentro em pouco este povo impressionavel e progressista ha de olhar para os trilhos como olha para os charafises da Companhia Anil, para os lampeões da do Gaz, vapores da navegação costeira, etc.

naou a ser respeitada e admirada por todos que a conheciam.

Só dentro d'um anno apparecerão-lhe dois vantajosos casamentos. Vantajosos dizemos nós, porque os pretendentes eram dois rapazes probos e hemiquistos na nossa sociedade. A recusa foi só da parte de Rosinha; ella sendo consultada por seu pae respondeu que, sentindo muito o ter de sair da sua companhia, desejava esperar por mais algum tempo até apparecer-lhe um outro por quem tivesse uma mais viva affeição.

E de facto assim succedeu.

Seis mezes depois Rosinha conheceu então o amor e teve vontade de casar-se.

Um manzeho, a quem chegou ao conhecimento os bellos dotes de Rosinha, quiz por si vê-la e admirar-a. Conseguindo porém o seu desejo, elle sentiu-se logo dominado por esse anjo seductor.

Nítidamente impresso na typographia do Sr. Frias, distribuiram um livro contendo producções poeticas de alguns sujos do Gabinete Portuguez de Leitura, cuja publicação foi feita em beneficio daquella associação.

São dignas de ler-se as poesias que formam esse livro, não só pela perfeição do estylo, como porque os seus autores são todos empregados no commercio, o que lhes duplica o valor.

Sentimos que os Srs. directores do Gabinete Portuguez, offerecendo á cada uma das mais redacções um exemplar do precioso livrinho, se esquecessem do jornal *litterario «Domingo»*, quando a sua obscura redacção manda semanalmente entregar um numero do seu jornal á bibliotheca do mesmo Gabinete.

Festas e mais festas.

Realisou-se domingo passado a de S. José do Besterro, na sua igreja, e realisa-se hoje a de Santa Severa, na do Rosario.

Partecipo aos meus estimadissimos leitores de ambos os sexos, com preferencia aos gentis, que de hoje em diante só terei o prazer de cumprimental-os de quinze em quinze dias, para dar lugar as chronicas do Sr. *Eloy, o heroe*, que vem ajudar-me na lida de noticiar.

O Domingos.

### MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

Á Antonio Netto.

Vem do n. 34.

IV

Passam-se alguns dias depois da scena que te acabei de relatar no capitulo antecedente.

Diremos finalmente que Rosinha pela primeira vez em sua vida teve sincera affeição a um homem. Amaram-se mutuamente com um amor vehemente e verdadeiro.

Fernando d'Oliveira era o joven feliz; era o noivo que realmente podia convir á Rosinha. Tinha alguns bens de fortuna; mas, como entendemos que os haveres não são que trazem a felicidade, diremos que Fernando devia lhe fazer feliz pelas suas excellentes qualidades. E de mais, e sobretudo — amava-a com um amor tão sancto!

Foi portanto justo, e em pouco tempo, realisado o casamento de Rosinha. O dia das nupcias foi um dia de festa. O velho ria de alegria e chorava de contentament.

(Continua.)

A. Britto.

Eu e mais alguns conferraneos, deixamos o Hotel e estamos occupando uma linda casinha á rua... das Flores.

Poucos dias antes eu tinha escripto uns versos que começavam, creio que assim:

Estou mui scéptico, Alíra, não me adares!  
Não empregues tão mal amor tão grande;  
Eu passo os dias a tomar cognac,  
Passo as noites a ler a George Sand.

Minha aurora de amor foi tão pequena  
Que mais impio me fez que Talleyrand.  
Não nasci para ser Werther d'hoje,  
Odéo a Lovelace e Don Juan.

Pela espessa fumaça do cigarro  
Troco um puro sorriso de mulher, etc.

Heide vos mostrar logo, juntamente com mais alguns escriptos n'essa epocha feliz.

Eu então empregava as frescas horas das manhãs e tardes em passeios pittorescos; as horas do calor eu passava lendo o mais puro volume do sentimentalismo lyrico de Lamartine, a chave d'aquelle grande coração de poeta inspirado... tu sabes, a *Graziella*.

Cousa admiravel! Estava amando aquelle typo de mulher... se me balançava n'uma rede prosaica, julgava estar embarcado na barquinha de Beppino, affrontando o tufão no golfo de Napoles... tinha *Graziella* na imaginação, *Graziella* no menor de meus movimentos.

Tinha então saudades da patria; mas n'aquelle quadro vivo estava vendida que longe da patria tambem se ama, tambem se morre de paixão.

Não andava no meu estado normal; se era melancholia, ignoro-o; se era *spleen*, tambem não o sei.

N'essa alternativa constante do coração com o espirito, senti faltarem-me as forças; em convalescença de uma moléstia crudelissima, recabi.

Meteoros fugaces, todas as minhas esperanças sumiram-se na descrença; senti ir-se a pouco e pouco extinguindo o farol de minha existencia e este *Adieu de saudade* me cahiu dos labios, mas ainda persiste no coração:

Mundo, prazeres, illusões, chiméras!  
Ai! vou deixar-vos para sempre. Adeus!  
Sinto que a morte a me litar severa  
Vem dar allivio aos soffrimentos meus!

Longe da patria, de meu berço ausente,  
D'irmãs queridas, de um choroso paé,  
Foge-me a vida na manhã dos annos,  
Sem ter ao menos quem soluce um ai!

Sem ter um collo que me affague amigo,  
Sem ter uns labios onde colle os meus,  
Tudo me foge da turbada mente,  
Menos a imagem do potente Deus.

Tinha crido deixar o mundo; mas as flores da poesia não me cobririam o tumulo...

A historia de *Graziella* que tanto me impressionara, deixando o seu perfil gravado na minha imaginação ardente, fez-me alongar mais os meus olhares até então muito limitados.

Melhor alguma cousa da segunda prostração, apparecia algumas vezes á janella e ia a passeios pouco demorados.

Um dia entrei em casa fulminado. Tinha visto perfectamente o rosto candido de Marieta.

(Continúa).

L. Baratta.

*capitulo*  
A' V. Canianhedo.

ILLUSÕES.

1º amor.

(Vej. n. 30.)

Tudo isso me parecia um sonho embalado pelos sons harmoniosos de uma musica celeste.

Duas ou tres vezes ergui do chão atapetado o lenço fino de cambraia que lhe cahira aos pés; duas ou tres vezes tentei roubar-lhe um cravo, que trazia no cinto.

E no entanto, eu não a conhecia. Ella ignorava o meu amor e eu o seu nome, guardando um impertubavel e discreto silencio.

—Tens andado triste, disse-me um rapaz, amigo de infancia, á quem tributava uma amizade de irmão, e que—havia cinco dias—chegara de Pernambuco cazado e formado,

—«Eu?! Ora essa! sim... creio... Oh! Souza, (suponhamos que o meu amigo se chamasse Souza), oh! Souza, tu has de desculpar: inda não cumpri com o meu dever visitando-te, mas...

—«Não trato de visitas, disse-me desviando a conversa do caminho que eu lhe queria dar; trato dos teus modos sombrios e reservados, com que hoje me appareces! Tu não eras assim. Perseguem-te os credores?»

—«Não.

—«Perdeste dinheiro ao jogo?»

—«Tambem não.

—«Recebeste alguma desagradavel noticia?»

—«Não... não...

—«Ah! dei go vinte! Estás apaixonado...

Callei-me. Quem calla, consente...

O meu amigo amigo deu-me o braço e comocamos a passear pelas salas.

—«Quero saber, continuou elle, qual é a deusa que teve o poder de converter-te e de quebrar esse septicismo que ha tanto te hia n'alma.

—«Está cá uma mulher bonita, muito bonita,

doutor. Não é a primeira vez que a vejo, e conto que não ha de ser a ultima. Amo-a com toda a força de um primeiro amor, e este segredo dorme-me no coração e nos labios, como se fosse um crime desportal-o.

—«Já se não usa o silencio; declara-te, meu galan. Se ella está cá, pede-lhe uma quadrilha, diz-lhe quaes são ostens sentimentos e vem depois orientar-me de tudo. Espero-te na banca do voltarete.

Apartei-me do meu amigo e cumpri as disposições que elle me aconsellou.

(Continua).

A. A.

### Compensação.

Tens enlutado o teu peito!  
Nessa infeliz solidade  
rogas aos céos esperanza  
e pedes a Deus piedade!  
ah! como sotres, criança,  
diz-me tambem a saudade!

Daqui, do exilio, onde eston  
ali te vejo abatida,  
humedecendo o teu leito  
de lagrimas; torna e sentida.  
Eu tambem tenho o meu peito  
cheio de dores, querida!

Que tu padeces, hem sei!  
diz-me a razão quando vejo,  
ou quando sonho acordado;  
e o teu infantil desvelo  
de me ver sempre a teu lado...  
ai, que me dóe de sabel-o!

Mas, como tu, tambem soffro:  
—tal como a rola da mata  
que sem a fiel companheira  
sandoso arillo dosata,  
assim na terra estrangeira  
a saudade tambem mata.

E quando as vezes na praia,  
em um fatigado passeio,  
vou distrahir a minha alma,  
parece então que eu leio,  
mesma o espirito em calma,  
uma inscripção que receio.

E vejo o mar estendido,  
revolto no peço extenso,  
sob este céu sem limite,  
debaixo d'um toldo immenso  
e... ai então, que palpito,  
de voltar quando em ti penso!...

Colho a rosa que vegeta  
sobre as dunas de areia  
ou entre as pedras, á beira  
d'algum rio que serpeia,  
e a borbuleta ligeira  
que em torno d'ella volteia!

E o que nos faz uma flor  
quando esta flor é colhida  
em agreste deserto?  
desperta—desejos, q'rida

de ter a imagem bem perto  
da sua Laura escolhida!

Ah! que momentos, menina,  
os de lembrança dos meus!  
Subo da terra ao emyrio,  
vou debruçar-me nos céos  
a ver se alrando o martyrio  
lá, conversando com Deus!

Tu tens sandades, eu creio!  
E's como a ave sem ninho,  
mas minha sorte—em verdade—  
é a do infeliz passarinho:  
—Se choras tu de sandade,  
eu de saudade definho!

Mathosinhos, junto de 1872.

J. C.

### A vizinha.

Eu jurei nunca mais ser namorado,  
E firme no protesto eu me mantinha,  
Se um anjo encantador, uma vizinha,  
Não trouxesse consigo o meu peccado.

Imaginem que um rosto moreninho  
E uns olhos fulgurantes, matadores,  
Vos lançavão de longe cheios de amores  
Requebrados olhares e um... bichinho.

E se minha viesse essa donzella  
Pedir-vos compaixão no seu tormento  
E vos desse de amor em juramento  
Passar a vida inteira na janelá?!

Inda mais. A pequena é impagavel,  
Os presentes em casa vêm me em pilhas;  
Não me faltam abacates, sapotilhas...  
E eu não te idolatrar, oh anjo amavel?!

Seria eu mais cruel que Nero ou Bruto,  
Se a tantos encantos teus, querida,  
Minha alma não ficasse agradecida  
Ou como hem se diz: *na voga encloto*.

Eu te amo menina, adoro e juro  
Que este amor em meu peito hem guardado  
Viverá até quando abandonado  
Requiescet em paz o *Caes* ou *Fero*.

De amor jamais serei um bandoleiro,  
Meu peito é como a rocha inabalavel,  
E' seguro, constante, inalteravel  
Qual da Sé o relógio e seu penteiro

De teus olhos, meu bem, m'inflamão os brulhos  
Meu peito, já por ti vivo, coitado!  
Exótico, *biundo*, atoleimado  
Como agora anda o povo pelos trilhos.

Maranhão, 15 de setembro de 1872.

*M. P. Moraes.*

### AVISO.

A redacção deste periodico avisa que, visto a quantidade de autographos que tem em seu poder, deixa de receber por ora originaes.

Maranhão—Typ. do Paiz—Impressor M. F. V. Pires.